

LABORATÓRIO

Composição em preto-e-branco Os panoramas de 360° de Militão Augusto de Azevedo

Sergio Burgi

O trabalho de documentação fotográfica de São Paulo feito pelo carioca Militão Augusto de Azevedo (1837-1905) começou no início dos anos 1860 – quando, aliás, ele ingressava na profissão.

Àquela época, eram raros os registros urbanos realizados no país. O que Militão fez ao chegar à capital paulista pode ser relacionado ao que tivera lugar em fins da década de 1850 e princípio dos anos 60 em Recife e no Rio de Janeiro pelas mãos de Augusto Stahl e Revert Henry Klumb, respectivamente.

Os conjuntos originais existentes da produção de Militão naquele momento são constituídos por fotografias em papel albuminado – não há negativos – montadas quase sempre em cartão suporte, muitas em frente e verso. É provável que integrassem um álbum original encadernado.

Não são conhecidas montagens em formato panorâmico feitas originariamente pelo fotógrafo a partir de dois ou mais negativos. Entretanto o estudo detalhado de seus originais revela a existência de diversos registros que formam panoramas, destacando-se dois, de quase 360 graus, que analisaremos individualmente neste texto.

Militão fotografou São Paulo ainda na primeira fase de utilização, no Brasil, do negativo em vidro de colódio úmido e do papel albuminado. Todo o trabalho de preparação e de revelação do negativo era feito naquele período em um laboratório móvel, instalado junto à câmera, no próprio local da fotografia. Isto porque o negativo de colódio úmido em vidro tinha que ser preparado, exposto e revelado em curto espaço de tempo para que o resultado fosse satisfatório.

Uma das operações mais difíceis consistia em revestir-se uniformemente a lâmina de vidro com o colódio - nitrato de celulose dissolvido em éter e álcool - já contendo os sais de prata fotossensíveis. O processo manual provocava falhas no recobrimento de toda a superfície do vidro, em especial nas extremidades. É por esse motivo que as imagens em albumina produzidas por Militão a partir de tais negativos têm os seus cantos cortados – solução prática e estética que ele manteve inclusive na montagem das fotos de 1887, nas quais o procedimento já não seria obrigatório.

Essas dificuldades ajudam a compreender a razão pela qual muitos registros feitos como possíveis panoramas não foram assim finalizados pelo fotógrafo.

Em seu acervo, o Instituto Moreira Salles possui o mais extenso e significativo conjunto de fotografias originais de Militão datadas de 1862 – que inclui todas as imagens

desta seção, exceto duas utilizadas na composição da figura 13, à página 45 pertencentes ao acervo de Benedito Lima de Toledo.

Um exame detalhado deste material – que se encontra em excelente estado de conservação -, incluindo a identificação exata, por meio de mapas da época, dos locais registrados, trouxe à tona dois subconjuntos de imagens que formam importantes panoramas, superiores a 340 graus. Ainda que os poucos e raríssimos originais existentes dessas imagens tivessem chegado até nós em montagens isoladas, as fotos não deixam dúvida quanto à intenção do autor em realizar panoramas de 360 graus de alguns pontos escolhidos – o primeiro, o largo do Ouvidor, popularmente conhecido como largo do Capim, em frente à igreja de São Francisco e a Academia de Direito; o segundo, da ponte de Lorena, no vale do Anhangabaú.

A análise de cada conjunto nos permitiu chegar a importantes conclusões que serão detalhadas a seguir.

No caso da imagem do Largo do Capim (figura 01), existe um deslocamento de câmera realizado por Militão que altera parcialmente a perspectiva, na medida em que muda o ponto de vista sobre um dos eixos do panorama.

Assim, a primeira, terceira e quarta imagens (da esquerda para a direita) que formam a vista panorâmica são obtidas com a câmera no cruzamento das ruas São Bento e do Ouvidor, atual José Bonifácio, enquanto que a segunda e quinta imagens, foram realizadas com a máquina fotográfica deslocada cerca de dez a 15 metros sobre o eixo da rua do Ouvidor, em direção à Ladeira do Meio, no Anhangabaú.

A intencionalidade do registro do panorama de 360 graus é evidenciada pela presença de dois personagens que aparecem em mais de uma fotografia dessa série, um deles (de colete e camisa branca de mangas compridas) na primeira e na segunda imagens e o outro (de chapéu e calça branca) na quarta e quinta. Tais personagens indicam que as fotos foram tiradas no mesmo dia.

O panorama, inédito, foi estruturado tendo como base apenas o conteúdo fotográfico existente nas imagens de Militão; só se utilizou recursos digitais para correção de perspectiva e fusão das fotografias, de forma a permitir a reconstrução da percepção espacial contínua do local registrado.

O segundo panorama, da Ponte do Lorena, no Vale de Anhangabaú (figura 07), foi realizado com a câmera praticamente fixa, sem deslocamentos significativos sobre nenhum dos eixos centrais. As quatro imagens formam um *continuum* interrompido apenas por duas pequenas áreas faltantes (duas portas nas fachadas - uma entre a primeira e segunda fotos e a outra entre a terceira e a quarta). Pode se supor que essas áreas estivessem registradas nos negativos originais, normalmente um pouco maiores do que as imagens finalizadas em papel. De todo modo, as duas fachadas estão registradas de maneira integral em outras fotografias de Militão, ainda que a partir de ângulos diferentes. Elas foram reconstituídas para, mais uma vez, permitir a percepção espacial contínua deste segundo importante panorama do autor.

Militão realizou ainda em 1862 panoramas de 180 graus da chamada Cidade Nova (figura 12), do outro lado do Vale do Anhangabaú, e da Várzea do Tamanduateí (ver foto C, à página 46), ambos tomados do largo de São Bento, e ainda uma vista geral da cidade a partir da torre do Seminário da Luz (figura 13).

Os percursos do fotógrafo

Além destes cinco panoramas, Militão documentou a cidade de São Paulo ao longo de suas principais ruas, realizando um registro sistemático dos trajetos percorridos por meio de vistas feitas normalmente no eixo central da via - primeiro, em um sentido e, em seguida, no seu oposto. Algumas vezes a máquina fotográfica permanece na mesma posição e é rotacionada em 180 graus; em outros casos, há um deslocamento da câmera sobre o eixo da via antes que o registro em direção oposta seja executado.

Em algumas ocasiões ainda o equipamento é posicionado junto a uma das calçadas laterais e girado sobre seu eixo - obtendo-se, então, um efeito semelhante ao de um panorama contínuo de 180 graus. Em outras seqüências, Militão avança em um único sentido da rua registrando imagens que mostram o deslocamento progressivo por aquela via.

Considerando-se que das cerca de 90 fotos existentes de Militão datadas de 1862, as quais documentam a região do Triângulo e adjacências, pelo menos dois terços delas foram produzidos dentro dos procedimentos descritos acima - seja na realização dos panoramas ou na documentação ao longo das principais vias da cidade -, é possível estabelecer, sobre um mapa de época, os principais percursos realizados pelo fotógrafo em seu trabalho pioneiro de documentação da capital paulista (figura 14).

O primeiro é aquele que tem início no Seminário da Luz e, percorrendo a rua da Constituição, atual Florêncio de Abreu, alcança o largo de São Bento, a ladeira do Porto Geral, o Pátio do Colégio, seguindo pela rua do Carmo até o convento homônimo, descendo pela ladeira do Carmo até o largo do Brás e de lá retornando, continuando pela rua da Boa Morte até a Tabatinguera e rua da Glória.

O segundo percurso sai da esquina da rua Direita com São José (atual Líbero Badaró), onde hoje está a praça do Patriarca, e seguindo em direção ao largo da Sé, continua pelas ruas do Imperador e Esperança até atingir o largo de São Gonçalo (atual praça João Mendes).

O terceiro começa na igreja do Rosário e segue pela rua da Imperatriz, atual 15 de Novembro, em direção à Sé, passando também pelas ruas do Comércio, da Quitanda e das Casinhas, depois denominadas do Palácio e do Tesouro.

Existem ainda duas imagens da rua Alegre, atualmente Brigadeiro Tobias, que registram um trecho da chamada Cidade Nova - formando o quarto percurso de Militão.

Além deste registro sistemático das principais vias da cidade, o fotógrafo também documentou diversas chácaras nos arredores de São Paulo.

Levando em conta as fotos realizadas ao longo das ruas e as vistas panorâmicas, não é exagero afirmar que Militão registrou a quase totalidade do espaço urbano da capital paulista de seu tempo.

Se associarmos este esforço documental levado a efeito em 1862 à iniciativa do fotógrafo de realizar, em 1887, o Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo – o qual registra muitos dos mesmos locais que ele fotografara naquele início dos anos 1860 -, concluímos que o legado de Militão é único. Isso porque, além de deixar os preciosos documentos que são os panoramas, as vistas e os registros dos percursos – citados, ele percebeu claramente, ainda na década de 80, que uma das características principais da fotografia é aquela que associa o seu extremo poder de representação visual da realidade física a um determinado momento/tempo(o instante do registro fotográfico). Assim, as subsequentes transformações, com o passar dos anos, dessa mesma realidade já documentada, - em especial no cenário urbano, palco das mais intensas mudanças decorrentes do desenvolvimento econômico -, tornam-se temas privilegiados de nova documentação, sobretudo quando registradas a partir dos mesmos antigos ângulos.

A herança do fotógrafo é, portanto, seminal para o entendimento de uma cidade que logo iria experimentar uma expansão incomum, ocasionada pelo café.

O conjunto de imagens aqui analisado ressalta, mais uma vez, a importância de se preservar registros históricos. Não tivesse ele sobrevivido, parte da compreensão que se tem do período estaria certamente comprometida.

Sergio Burgi é coordenador da Reserva Técnica Fotográfica do Instituto Moreira Salles e membro do Comitê de Conservação do Conselho Internacional de Museus (ICOM-CC)/Grupo de Materiais Fotográficos.

Nota de Agradecimento

O Instituto Moreira Salles agradece a Benedito Lima de Toledo, professor titular de História da Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, pela participação decisiva – por meio de seus textos, iconografia e orientação – na fase inicial de identificação das imagens descritas neste trabalho, em especial daquelas que integram os panoramas de 360 graus.

Bibliografia

LAURITO, Ilka Brunhilde; LEMOS, Carlos A; TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo em três Tempos. Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862- 1887-1914)*. Secretaria de Cultura. Governo do Estado de São Paulo, 1982.

LAGO, Pedro Corrêa do. *Militão Augusto de Azevedo. São Paulo nos anos 1860*. Rio de Janeiro. Editora Capivara, 2001